

## Conhecer a fantasia (é) fundamental

Ricardo Biz<sup>[1]</sup>

**RESUMO:** O autor enfatiza o conceito lacaniano de fantasia fundamental, bem como o uso deste para orientação nos objetivos do tratamento psicanalítico. Resgata as origens desse conceito e contribuições de autores posteriores, assim como exemplos de fantasia fundamental descritos na literatura psicanalítica.

**PALAVRAS-CHAVE:** fantasia, fantasia fundamental, fantasma, objetivos do tratamento psicanalítico

---

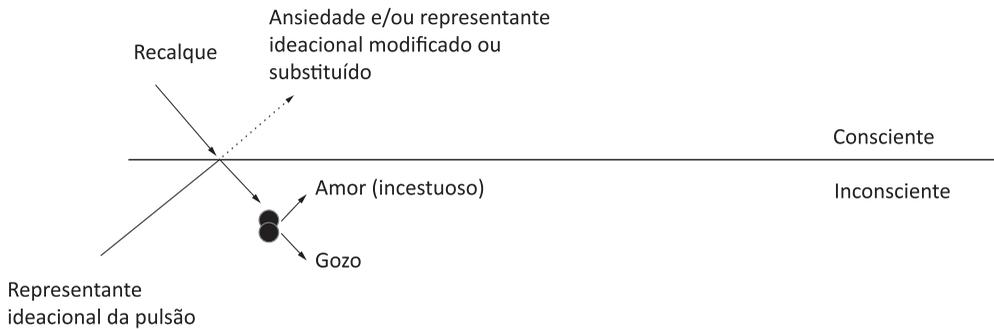
1. Psiquiatra. Membro associado da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo (SBPSP).

### Partindo das pulsões...

Freud (1920/1980) em “Mais além do princípio do prazer” propõe a divisão pulsional: pulsões de vida (sexuais, regidas por Eros) e pulsão de morte (destrutivas ou a serviço da repetição sintomática, regidas por Tânetos). Lacan radicaliza: toda pulsão é pulsão de morte, sendo que ela pode ser sexualizada e se transformar em pulsão (de vida).

Fundamentado em Lacan, Jorge (2010) sintetiza um enquadre fantasístico interessante, no qual se encontram presentes, na fantasia, em maior ou menor grau, os polos do amor (incestuoso) e do gozo.<sup>[2]</sup> Então, logo no gérmen da fantasia, originado pela divisão teórica das qualidades da pulsão, temos uma matriz dual de representações:<sup>[3]</sup>

**Figura 1** – O recalque sobre o representante ideacional da pulsão, originando uma matriz dual fantasística



Fonte: elaboração própria.

Os neuróticos têm, predominantemente, o polo do amor mais ativo em suas fantasias inconscientes, o que condiciona os seus comportamentos. Percebemos a intensificação do polo do amor nos neuróticos em suas relações com a religião (“Deus é tudo para mim, Ele me completa”) e nas suas relações amorosas propensas a idealizações (“minha amada, você é tudo para mim, não necessito de mais nada”). O objetivo do investimento no polo amoroso é tentar livrar o neurótico do tormento dos desejos; assim, o amor, sobretudo para o obsessivo, anestesiará os desejos e, sem desejar, o neurótico encontraria a paz.<sup>[4]</sup>

2. O gozo não pode ser simbolizado e sua presença só pode ser notada pelos furos e faltas dos significantes. Lacan opõe a concepção de gozo e saber: onde há gozo não há saber, onde há saber não há gozo. A pulsão de morte busca o gozo absoluto mortificante; aqui lembramos os casos graves de drogadição: nos pacientes com acentuada impulsividade, a fantasia está raquítica, tênue, e não segura as pulsões.

O amor e o desejo (propulsores da fantasia) funcionam como disjuntores elétricos para impedir esse gozo absoluto: são interruptores que se desarmam para preservar a vida.

3. O representante psíquico ou representante da representação (como entende Lacan), ou ainda representante-representação (Laplanche & Pontalis, 1967/2000), o que corresponde a *Vorstellung-Repräsentanz*. Ver mais em “O inconsciente” (Freud, 1915/1980).

4. Em toda a obra de Vinicius de Moraes há uma dualidade na visão do feminino: ou é a mulher morena e sensual (polo do gozo, da puta sedenta por sexo) ou ela é a pálida e idealizada (polo do

O perverso tem como mote de seu funcionamento o polo do gozo: gozar do (e no) outro. Tenta transformar o outro em seu objeto de satisfação até o *limite* da dessubjetivação, ou seja, usa uma estratégia de aplinar a alteridade e não conferir importância à diferença, ao particular de cada um, o que vai ao encontro do cerne psicopatológico da perversão: a denegação da castração.

Já os psicóticos, na leitura de Lacan (cf. 1955-1956/1985), não estruturam a fantasia fundamental e, portanto, não há o recalçamento originário, assim externalizam os representantes pulsionais na íntegra, promovendo o que ele chamou de “inconsciente a céu aberto”. Devido a não ter uma fantasia estruturante – o que determina o comportamento do sujeito num certo norte, amarrando-o numa via pavimentada da fantasia, ou “caminho preferencial de eliminação” (nas palavras de Freud ((1895/1980)) em “Projeto para uma psicologia científica”) –, o psicótico se mostra solto no mundo, perdido, errante.<sup>5</sup> Lacan retoma o conceito de recalçamento originário de Freud como a primeira etapa do complexo de Édipo, chamando de função paterna o elemento que rompe a relação dual do filho com sua mãe. O agente desse recalçamento Lacan denomina de metáfora paterna, o que é um processo de metaforização dos significantes do desejo da mãe.

Freud (1917/1980), na “Conferência XXIII: Os caminhos da formação de sintomas”, propõe que as fantasias são como reservas de proteção que acolhem a libido diante da impossibilidade de sua satisfação real. Atualmente, as pessoas viciadas na virtualidade da internet exemplificam bem esse aspecto:

Assim, a libido necessita apenas retirar-se para as fantasias, a fim de encontrar aberto o caminho que conduz a todas as fixações ... Continuaremos a considerar que a introversão denota o desvio da libido das possibilidades de satisfação real e a hipercatexia das fantasias que até então foram toleradas como inocentes.

A violência, a sedução, o castigo, a vigilância excessiva dos pais, dos adultos ou das crianças maiores ameaçam e aterrorizam as crianças. A violência derivada do adulto é explorada em *Bate-se numa criança* (Freud & Freud, 1919/2020); o aspecto masoquista, se assim podemos dizer, é examinado com esmero. Deste modo, Freud “retira a fantasia de sua área de proteção, e não a restringe ao princípio do prazer, mas indica seu mais além” (Henderson et al., 2017, p. 57), que nada mais é que a junção do prazer com a dor.

Em “História de uma neurose infantil” (Freud, 1918/1980), ou simplesmente “Homem dos lobos”, há três elementos introduzidos por Freud que, sem dúvida,

---

amor incestuoso, da mãe ou irmã). Para mais detalhes de uma análise da obra desse poeta, ver Sant’Anna (1993).

Outro exemplo bem didático é o final do filme *Fé corrompida* (Schrader, 2017), em que há uma oscilação do reverendo Toller entre o polo do gozo (sodomasoquista) e o polo amoroso. Faça comentários desse filme em <https://youtu.be/5gVojWAOh1c>

5. Sobre a errância do psicótico ver Calligaris (1989), especialmente o capítulo 1, no qual há exemplos clínicos. A falta de amarração, entre as cadeias significantes, realizada pela metáfora paterna determina o desnorreamento ou o movimento browniano dos psicóticos antes da crise.

elevam o conceito de fantasia para outro patamar: (1) a *participação* do analista na construção da fantasia, (2) o próprio fato de a fantasia ser *construída* e (3) o fato de os mais variados comportamentos do paciente *convergiem para* ou *irradiarem* de tal construção. Vejamos a passagem na qual tais ideias são mencionadas:

Contudo, o que se argumenta agora é, evidentemente, serem fantasias, não do paciente, mas sim do *próprio analista*, que a força sobre a pessoa que analisa em virtude de determinados complexos seus. Na verdade, um analista que escuta essa reprimenda confortar-se-á a si mesmo recordando o quão gradativamente veio à tona a *construção* dessa fantasia, que se supõe ter ele próprio originado, e, quando tudo estava dito e feito, o modo como ocorreram independentemente do incentivo do terapeuta muitos pontos do seu desenvolvimento; como, após determinada fase do tratamento, tudo parecia *convergir para* essa fantasia, e como mais tarde, na síntese, os mais variados e notáveis resultados *irradiaram-se* dela. (Freud, 1918/1980, destaques meus)

### **A fantasia é uma história de família**

A lente da psicanálise tem um foco edípico. Muitas críticas e defesas foram feitas a esse respeito, mas o fato é que, ao mergulharmos nas bases da fantasia pela investigação clínica, nos deparamos com alicerces edípicos: um pai sedutor, um abuso, uma surra, uma mãe possessiva ou omissa são personagens comuns da sala de análise.

Há quem considere que a psicanálise supervaloriza o Édipo por ser nascida num contexto histórico (do fim do século XIX e início do XX) em que a família era predominante nuclear, sendo essa característica exclusiva dessa época. Antes do século XIX, a família era extensa, raramente nuclear, e agora, na pós-modernidade, ela claramente vai se tornando cada vez mais porosa, mais influenciada pelos meios de comunicação, favorecendo intercâmbios entre o público e o privado. Sim, tudo isso é sabido, mas a narrativa dos pacientes, que nada quer defender ou promover do discurso psicanalítico, desemboca em “romances familiares”.

O fato é que as histórias de família voltam e, quando nos debruçamos sobre elas, quase invariavelmente caímos numa cena primária. Das três fantasias originárias (cena primária, sedução e castração), parece que a cena primária sintetiza as demais, pois geralmente vemos um adulto que excita ou é excitado por uma criança (sedução); essa sedução suscita uma submissão passiva ou masoquista (castração); e a dimensão do desejo da criança querendo participar da cena (primária), a fim de evitar sua exclusão.

Aliás, a exclusão é o ponto fulcral da cena primária. É o momento congelado, fixado, da exclusão, quando o filho é preterido com relação ao pai, a cicatriz edípica ou a “rocha da castração” intransponível. Apesar de traumática e de sempre deixar resíduos no adulto, a exclusão é necessária como ingresso, ou rito de passagem, em direção à cultura. A exclusão da cena primária permite a inclusão ao simbólico.

A cena primária em geral está envolta num pano de fundo de agressividade e violência.

O medo, o terror e o desamparo comumente estão implicados como propulsores das fantasias. Neste caso, estamos salientando na fantasia a função de defesa contra as angústias; a fantasia faz uma ponte com a realidade, para evitar rupturas do tecido psíquico. O psicótico, por não ter o recalque originário, como já dissemos, sofre as consequências de não estruturar a fantasia como defesa. Assim, os ataques sentidos pelo psicótico são desferidos de fora, como as alucinações e delírios.

No filme *A vida é bela* (Benigni, 1997), um dedicado pai se esforça para criar uma fantasia para defender seu filho da realidade aterradora, pois ambos estavam num campo de concentração nazista. Nesse sentido, Winnicott (1990) sugeriu um efeito apaziguador da cena primária para a criança:

Ver os pais juntos torna suportável o sonho de sua separação ou da morte de um deles. A cena primária (os pais sexualmente juntos) é a base da estabilidade do indivíduo, por permitir que exista o sonho de tomar o lugar de um dos pais. (p. 77)

Interessante esse ponto de vista de Winnicott sobre a cena primária, atribuindo-lhe a função de proteção, um pouco diferente da perspectiva ameaçadora desse monstro, desse Frankenstein que é o entrelaçamento dos corpos dos pais.

Sendo assim, os pais servem de substrato para a construção imaginária do Outro. O outro com letra minúscula é nosso par, nosso semelhante. O (grande) Outro, com letra maiúscula, é o “tesouro dos significantes”, é também o inconsciente, construído a partir das funções e imagens dos pais que introduzem a criança na cultura. Posteriormente, a escola é também o substrato para o Outro, bem como o analista pode o ser. Ou seja, todos aqueles para os quais se endereça um enigma a ser decifrado; esse endereçamento também é, em parte, para si mesmo, daí o Outro ser o inconsciente. Mais que isso: talvez a cena primária ou o entrelaçamento dos corpos dos pais seja a materialização do corpo do Outro. Esse Outro que a criança vai se esforçar para agradar ou para fazer gozar.

Portanto, nosso desejo é dirigido ao Outro. Safatle (2007) explica nestes termos: “como sabemos que o desejo do homem é o desejo do Outro, o fantasma será o modo do sujeito construir um objeto para o desejo do Outro, defendendo-se, assim, da angústia de não saber o que o Outro quer” (p. 64).

“Fantasma” é uma tradução escolhida de *Phantasie*, do alemão, traduzido, por sua vez, para *fantasme* em francês. Preferimos em todo este trabalho o termo “fantasia” mesmo.

O discurso religioso prega que existe uma entidade, um Deus, que se preocupa, protege e vigia as condutas do sujeito. Esse mesmo Deus às vezes ataca e pune, caso o fiel não siga suas determinações. O discurso psicanalítico vai na contramão dessa ideia e propõe para o sujeito, em lugar da *disciplina* religiosa, a *responsabilidade* pelos próprios atos.

Portanto, a experiência de uma análise vai afetar o paciente, no sentido de estabelecer que “não há Outro para fazer gozar”, como sugere várias vezes Calligaris

(1986) em *Hipótese sobre o fantasma na cura psicanalítica*. Enfim, liberar o paciente de uma oferta condicionada. Não há esse Outro, senão como montagem fantasista, que teve sua importância defensiva, devemos admitir, mas condiciona os comportamentos desse sujeito, estabelecendo um *modus operandi* engessado.

A castração ou a exclusão não podem ser vividas sem deixar uma cicatriz. Cicatriz essa que evolui em queloide e transfigura os tecidos adjacentes; estes se arborizam na confecção das fantasias:

Algo faz com que, na função imaginária da castração, seja uma história de família, a relação parental, o que parece dar, pelo seu desfalecimento, corpo e falta ao Outro. Ora, esta especificação imaginária constante deve-se, por sua vez, à interdição do incesto, relacionada primeiramente aos pais. (Calligaris, 1986, p. 168)

Há um aspecto da violência que subjuga um mais fraco na cena da fantasia, sendo, dessa maneira, condizente com a realização de desejos masoquistas. Aqui estamos enfatizando o papel de realização da fantasia. Há um duplo papel da fantasia: realização e defesa. A fantasia é, portanto, a figuração ou alegorização do clímax conflitivo que, se desvendado e trabalhado em análise, conseguiria proporcionar ao paciente mais liberdade, escapando das “escolhas forçadas” que a fantasia determina.

É por isso que a construção da fantasia deve ser um pré-requisito aos objetivos do tratamento, proporcionando um direcionamento das ações, das interpretações e dos procedimentos do analista no sentido da travessia da fantasia aprisionante.

Entretanto, seria incompleto afirmar que a interpretação tem como única consequência desligar o sujeito do objeto, desfazer o vínculo ou dissolver a fantasia. O corte interpretativo provoca também o surgimento da dimensão do gozo, que a fantasia buscava evitar, confrontando o sujeito com a possibilidade, apenas a possibilidade, de encontrar um outro objeto pulsional, ou, para voltar aos nossos termos, mudar de patamar, de folha pulsional. (Nasio, 2005/2007, p. 88)

A “travessia da fantasia” é um conceito de Lacan e significa não destruir, mutilar, muito menos construir outra fantasia. É um percorrer junto com o paciente as várias nuances de sua fantasia, fazendo com que ele se reconheça nos objetos da cena fantasista: por exemplo, quando o Homem dos ratos constatou que os ratos eram ele. A esse *reconhecer-se nos objetos da cena* Lacan deu o nome de “destituição subjetiva”.

### **A fantasia fundamental**

A primeira referência de Lacan (1958/1998) sobre a fantasia fundamental encontra-se no texto “A direção do tratamento e os princípios de seu poder”, no qual a expressão aparece por duas vezes.

Esse texto encontra-se nos *Escritos* e data de junho de 1958. Sua temática e conceitos posteriormente foram desenvolvidos e ampliados no seminário 6, no 11 e no 14. Nessa época, Lacan estava com uma postura um tanto combativa, operando

críticas a uma suposta genitalidade integrada, muitas vezes tomada como télos do tratamento, numa suposta integração pulsional, elevando a genitalidade a um ideal de Ego a ser alcançado.<sup>6]</sup> Foi uma época de lutas no contexto de sua excomunhão da Associação Psicanalítica Internacional (IPA), de resgate da raiz legítima freudiana, além de enfrentamento das distorções, sobretudo aquelas surgidas em solo norte-americano a partir dos anos 1920, como a psicologia do Ego, que confunde Ego (*moi*) com Eu (*je*).

Pouco tempo depois, no seminário 6, *O desejo e sua interpretação* (Lacan, 1958/2016), muitos conceitos são trabalhados, como o do desejo, das pulsões, do pequeno a etc., até chegar ao capítulo XX, no qual reaparece a expressão “fantasia fundamental”. Como comenta Miller (2014), muitos termos definidos por Lacan são retomados e enfatizados em outros seminários, outros não são mais mencionados, e outros ainda são corrigidos; “trata-se de saber se o que é lido é uma pepita, um termo que vale destacar, propagar e desenvolver, ou se, pelo contrário, é um ponto acessório, um deslizamento que, em seguida, é corrigido” (p. 1). Para ler Lacan, de fato, é necessário um espírito de garimpeiro.

Outros conceitos e a lógica da fantasia são desenvolvidos no seminário 11, *Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise* (1964/1988), o que finalmente servirá de base do seminário 14, *La logique du fantasme* (1966-1967/2004, ou “A lógica do fantasma”), que é um texto com alto grau de dificuldade, pois exige do leitor uma ciência do background anterior a ele.

A expressão “fantasia fundamental” deve ser mencionada sempre no singular, porque subentende referir-se à estrutura mínima da cadeia significante (S1-S2), na qual “S1” são os significantes Mestres que fazem parte do núcleo do inconsciente, e “S2” as associações imediatamente subsequentes.

A relação objetal, para Lacan, se situa no nível não da pulsão, mas do desejo, e isso por intermédio da fantasia, já que esta é que sustenta o desejo, como um cabide. O desejo, causado por um objeto faltante (denominado por Lacan como “a”), segue uma busca metonímica em direção à completude nunca alcançada. Os objetos (faltantes) apresentam uma face visível, perceptível, orbitando em torno da falta: tal como a ideia do agalma,<sup>7]</sup> pontuada por Lacan. O sujeito tem um buraco que exerce um magnetismo sobre seus desejos, à semelhança da água sugada por um ralo. “Tem mais presença em mim o que me falta” (p. 345), assim se expressou o poeta Manoel de Barros (2010), no seu *Livro sobre nada*, originalmente publicado em 1996, no qual chamava a nossa atenção para a importância dos “nadas”, das “inutilidades”. Na cena

6. Em maio de 1958, numa exposição em alemão denominada “A significação do falo”, Lacan antecipa certos aspectos desse texto. Também faz crítica à pulsão genital integrada e menciona o conto de Dáfnis e Cloé, para enfatizar o saber sexual adquirido.

7. “Agalma” significa ornamentos, adornos, algo precioso, estátuas para deuses ou oferendas colocadas juntamente com mortos em cerimônias fúnebres dos gregos antigos. Os enfeites que bordejam um furo (a morte, os mistérios, o não saber etc.) têm a função de capturar a atenção, desviando-a do vazio que, continuamente, busca ser obliterado, porque sua emergência é por demais angustiante.

da fantasia fundamental, identifica-se, emoldurado, o arcabouço da estrutura do desejo do paciente.

Jorge (2010) compara a fantasia fundamental a uma “prisão domiciliar”. O paciente encontra-se preso, mas num regime um tanto confortável, pois está dentro de um território conhecido: eis a função de defesa da fantasia. No entanto, as atuações do sujeito estão circunscritas a essa localidade. A “travessia da fantasia”, num tratamento analítico, amplia a liberdade de atuação do sujeito, afrouxa as determinações de satisfação com certos objetos e amolece sua rigidez de funcionamento, permitindo que o analisante dirija e organize melhor a própria vida, sem “escolhas forçadas”, impostas pelas torrentes pulsionais que percorrem os cômodos dessa prisão domiciliar.

Construir a fantasia fundamental é, portanto, um pré-requisito para vislumbrarmos a direção do tratamento.

Sabemos que, para definir o conceito de fantasia fundamental, Lacan se baseou no texto freudiano sobre o “Homem dos lobos” (1918/1980). A imagem enquadrada dos lobos, repleta de sentidos, mas imóvel em sua apresentação, é um bom exemplo de uma fantasia construída.

Outro texto que serviu de substrato para a conceitualização lacaniana foi *Bate-se numa criança* (Freud & Freud, 1919/2020), no qual a fantasia desmembrada em três tempos – (1) uma criança da qual não gosto é espancada; (2) eu sou espancada; (3) vejo uma criança apanhar – é paulatinamente depurada e podada até se chegar numa concepção axiomática, impessoal e dessubjetivada (“bate-se numa criança”, por exemplo).

É passível de discussão se “bate-se numa criança” é condizente com fantasia fundamental ou se está mais para *Urphantasie* (protofantasia, ou fantasia original, ou fantasia primeva), aquelas fantasias fundantes do indivíduo, como nos mitos – algo mais geral, impessoal, extensível ao coletivo humano. Pommier (1990) é um autor que defende que “bate-se numa criança” é uma *Urphantasie*, e que a cena primária e a sedução são fantasias fundamentais. Na verdade, Pommier vê as fantasias fundamentais como uma encenação da identificação com o falo, que, por sua vez, é a resposta contra um trauma inicial. Assim, a fantasia fundamental protegeria o sujeito de uma divisão entre ativo (polo presente no *assistir* da cena primária) e passivo (polo presente no *sofrer* da sedução). Já em “bate-se numa criança” encontramos concentrados os dois polos, ativo e passivo, na mesma cena.

Na época da escravidão norte-americana, as escravas do sul dos EUA confeccionavam colchas com a técnica do patchwork. Juntavam tecidos usados e fragmentos e os cosiam entre si, numa tradição passada oralmente de geração em geração. Não era simplesmente o reaproveitamento ou reciclagem têxtil que chamava a atenção: em cada fragmento do patchwork havia um código conhecido entre os escravos que, em conjunto, no todo da colcha, traduziam um mapa de uma rota de fuga que chegava aos estados do norte dos EUA, onde os negros tinham mais direitos, ou mesmo ao

Canadá, onde a abolição ocorreu previamente à dos EUA. A colcha, portanto, continha criptografado o mapa para a liberdade.<sup>[8]</sup>

Da mesma forma é que elaboramos a fantasia fundamental de um analisante. A partir de seus sonhos, fantasias, análise da transferência, atos falhos e sintomas – tal como fragmentos de tecidos –, confeccionamos a fantasia fundamental; esta, portanto, é como um mapa deduzido do trabalho da análise, que vai nos guiar na direção do tratamento.

A travessia da fantasia fundamental possibilita ao paciente fugir do aprisionamento a que ela o condena e encontrar mais liberdade.

### Objetivos do tratamento psicanalítico

Mas como encontrar a fantasia fundamental? É importante coletar imagens oníricas relevantes, manifestações transferenciais, atos falhos e sintomas. Ocorre que o contato estabelecido com o paciente se dá sobretudo por meio da linguagem ou, mais que isso, através da Letra, que é o significante inscrito/marcado no corpo. Por meio do “Corpo da Letra ou o Enredo do Desejo da Letra” (Leclaire, 2007), conseguimos, ao longo do seguimento analítico, uma garimpagem de significantes Mestres (S1), nos quais se apoiam os demais deslizamentos associativos (S2). Para esclarecer, citarei três exemplos conhecidos de fantasia fundamental:

1) O enunciado “*poordjeli*” de Philippe, paciente de Leclaire (2007), que comporta um adensamento de significados. É não apenas as iniciais de Philippe Georges Elhyani, mas também: *peau* (em francês: pele, couro, porte, pobre); *peau* + “or” = *porc*, cuja pronúncia em francês remete a porco; “ge”, que remete a George e *gorge* (peito), além de “j”(e)”, que remete a Jacques (irmão mais velho de Philippe, que é o marido de Lili) e Jérémie (seu avô paterno, que costumava grafar em seus pertences J.E.). “Li” remete ainda a seu sobrenome Elhyani e a *lit* (leito) de Lili, ou o corpo de Lili, que se desliza de corpo a corpo até seu desejo incestuoso “para com a mãe e a fantasia de uma realização plena” (p. 96), assim que ele busca o gozo do Outro, na detumescência após a ejaculação, para evitar a castração.

2) O enunciado “gozar fora” de Laurent, paciente de Calligaris (1986), que remete às práticas masturbatórias, à depreciação da mulher (já que gozar dentro a contaminaria), ao gozo malogrado, ao “seu ser de sémen desperdiçado” (p. 37).

3) O enunciado “isso realmente aconteceu” ou “eles fizeram realmente isso” de Xavier, também paciente de Calligaris (1986), que expressou certa dúvida quando observava alguma ação de uma atriz pornô, como se o espectador recusasse o gozo bem-sucedido que se oferece, como se buscasse a detecção de uma falha que ele contemplava sobretudo na atriz. Vemos aí o corpo e a falta do

8. Para mais detalhes, veja a história completa no livro ilustrado que mostra a luta dos escravos para encontrar a Underground Railroad durante o século XIX (Stroud, 2007). Também a série *The Underground Railroad*, de Barry Jenkins (2021), baseada no livro homônimo de Colson Whitehead, explora ficção e não-ficção sobre esse mesmo tema.

Outro nessa cena sexual. “Xavier sustenta sua masturbação tanto desta falha, como do olhar (dessubjetivado) que ele aí mergulha” (p. 45). Nessa fantasia, o objeto no qual Xavier se figura é o olhar, embora também se identifique com a “puta”, já que surgia para ele a resposta para “eles realmente fizeram isso...”, num contorno de desprezo pela mulher, “... por dinheiro”. Além dos atores da cena sexual, do espectador, surge um quarto: o pagante (ou o produtor do filme). “Esta mulher fez isso realmente por dinheiro, constata Xavier, ... com certeza, eu não faria isso” (p. 46), eis aqui um bom exemplo de destituição subjetiva, no qual o sujeito se reconhece no objeto.

Leclair e Calligaris mostram como as fantasias dos seus pacientes *convergem para* ou *irradiam* desses refrões. Trata-se de enunciados axiomáticos e dessubjetivados, que são repetidos numa litania até finalmente serem ouvidos. Além disso, elementos masoquistas, sedutores, castradores estão presentes nesses remakes de cenas primárias.

O que parece ser um emaranhado fonético é, na verdade, a mais completa síntese da fantasia de um sujeito. São mais que marcas sonoras, mas trilhos púrvios pelos quais fluem as ações, quase sempre inconscientes, do paciente. Trabalhar na construção da fantasia fundamental não é um mero esforço solipsista de intelectualização. É sim um esforço de mostrar ao paciente como ele está presente, concomitantemente, nos vários personagens de seu enquadre fantasístico, o que leva à destituição do subjetivo, desmembrando o sujeito em vários objetos dessa cena. Freud (1918/1980) não trabalhou dessa maneira com “Homem dos lobos”? E em seguida não fez um esforço de condensação teórica em *Bate-se numa criança* (Freud & Freud, 1919/2020)?

Os sons que marcam um sujeito têm íntima conexão com o afetivo; tais significantes são coletados ao longo da análise, num trabalho que envolve paciência, confiança e acuracidade na escuta. Certas palavras, expressões, cacoetes ou termos, emitidos pelo analisante, escapam do recalque, justamente por serem vocalizações aparentemente desprovidas de sentido; são repetidas inconscientemente, por vezes à exaustão, como se o que mais o paciente precisasse esconder fosse o que mais ele deixa à mostra. São, por assim dizer, o mais *íntimo* do paciente expresso no *externo* da linguagem: “êxtimo”, no neologismo lacaniano.

Como podemos observar nas fantasias fundamentais descritas por Leclair (2007) e Calligaris (1986), as fantasias masturbatórias são tesouros para o psicanalista, pois é quando se enquadra a cena de excitação, cena essa que faz suplência para a dor da exclusão. É a cena-tampão que ocupa a posição angustiante e vazia, na qual se encontraria, se existisse, o *das Ding*. Na busca desse real inalcançável, os pacientes imaginam encontrá-lo em suas fantasias masturbatórias e, na plenitude do encontro, gozam.

O flerte (e não uso essa palavra com conotação erótica ao acaso) com o real inalcançável não ocorre apenas nas fantasias masturbatórias, mas também nas fantasias suicidas, pelo mesmo motivo: o encontro extasiante com *das Ding* promete

a plenitude. Os franceses chamam o gozo sexual de *petite mort*, sendo a morte propriamente dita a *grande mort*. São inúmeros os casos de pessoas que morrem com sacos plásticos na cabeça na expectativa de prolongar o gozo sexual, assim como é conhecida a derradeira ereção e ejaculação da vítima de enforcamento, mas isso tem apenas um efeito retórico, já que pode ter relação com reflexos devido a lesões no cerebelo... O que de fato tem importância em nossa argumentação é que tanto a fantasia masturbatória quanto a suicida se formam para obturar um buraco dolorido e apontam, ilusoriamente, ao paciente a possibilidade de uma completude. A fantasia, nesse sentido, é sempre uma formulação protética, que entra no lugar de algo perdido.

Tomo como comparativa uma recente publicação denominada *Objetivos do tratamento psicanalítico* (Fulgencio, 2020), livro que conta com a produção de trabalhos de diversos autores, cada qual com seu apoio em determinado psicanalista consagrado, como Klein, Winnicott, Bion, Lacan etc. Sendo assim, o livro é interessante porque mostra um cenário heterogêneo no que diz respeito à direção do tratamento psicanalítico, dependendo de em qual pensamento teórico se fundamenta. Nos capítulos escritos por autores que seguem a teoria de psicanalistas ingleses, não é valorizado ou não é salientado o campo da construção da fantasia como objetivo terapêutico. Abordam o trabalho transferencial, a elucidação do sintoma, o bem-estar do indivíduo, tornar consciente o inconsciente etc. A palavra “fantasia” mal é encontrada em todo o livro, que quantitativamente tem maior número de seguidores de psicanalistas britânicos. Como veremos, somente no capítulo 7, num autor de influência lacaniana, notamos a ênfase no aspecto fantasístico durante a análise. Vamos explorar um pouco esse livro no intuito de um esboço de crítica:

Encontramos no capítulo 3, denominado “Ferenczi e os objetivos do tratamento psicanalítico: autenticidade, neocatarse, crianceria”, de Daniel Kupermann, a ideia de que o objetivo do tratamento seria um “novo começo”, segundo Michel Balint, “possibilitado pela dissolução da estrutura cristalizada”. De fato há uma aproximação teórica ao que queremos dizer, no entanto não se aprofunda no que seria essa “estrutura cristalizada”, de que ordem (fantasiosa, comportamental ou simbólica?). Apenas se menciona que é “produzida pela progressão traumática” (p. 76).

No capítulo 6, “Winnicott e os objetivos do tratamento psicanalítico”, Leopoldo Fulgencio menciona que, “sinteticamente e conceitualmente falando, na saúde há uma flexibilidade enquanto na enfermidade há uma rigidez das organizações defensivas” (p. 242). Parece que tal “rigidez” também se aproxima do arcabouço fantasístico a que o paciente está submetido, como tentamos demonstrar em todo este trabalho, mas Fulgencio não faz qualquer conexão entre rigidez e fantasia.

Finalmente, no capítulo 7, “Para se chegar a algum lugar deve-se saber para onde ir: considerações sobre a direção e o final da análise”, Ivan Estevão menciona a trajetória de Freud para chegar ao conceito de base rochosa, a cicatriz da castração, proposto em “Análise terminável e interminável”, de 1937. Estevão ainda dá atenção

à travessia da fantasia fundamental, bem como a uma busca pela destituição subjetiva, e não pelo reforço egoico, como propõe a psicologia do Ego, que promove uma “suposição de gozo pleno e de unidade impossível” (p. 262).

Nossa ideia de trazer, nesta parte final do trabalho, algumas concepções semelhantes, parecidas e díspares da direção do tratamento vai no sentido de confrontar, diferenciar e ilustrar que conhecer a fantasia fundamental se investe de importância não apenas teórica, mas aponta também a direção e os objetivos do tratamento psicanalítico.

---

### Conocer la fantasía (es) fundamental

**Resumen:** El autor resalta el concepto lacaniano de fantasía fundamental, como también el uso de este operador para la orientación en los objetivos del tratamiento psicoanalítico. Rescata los orígenes de este concepto psicoanalítico y los aportes realizados por autores posteriores, como también da ejemplos de la fantasía fundamental descriptos en la literatura psicoanalítica.

**Palabras clave:** fantasía, fantasía fundamental, fantasma, objetivos del tratamiento psicoanalítico

### Knowing the fundamental fantasy is fundamental

**Abstract:** The author emphasizes the Lacanian concept of fundamental fantasy and its use to guide the goals of psychoanalytic treatment. He retrieves the origins of this concept, contributions from later authors, and examples of fundamental fantasy described in psychoanalytic literature.

**Keywords:** fantasy, fundamental fantasy, phantasm, goals of psychoanalytic treatment

---

## Referências

- Barros, M. (2010). *Poesia completa*. Leya.
- Benigni, R. (Diretor). (1997). *La vita è bella* [A vida é bela] [Filme]. Cecchi Gori Group Tiger Cinematografica; Melampo Cinematografica.
- Calligaris, C. (1986). *Hipótese sobre o fantasma na cura psicanalítica*. Artes Médicas.
- Calligaris, C. (1989). *Introdução a uma clínica diferencial das psicoses*. Artes Médicas.
- Freud, S. (1980). Projeto para uma psicologia científica. In *Edição eletrônica brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Imago. (Trabalho original publicado em 1895)
- Freud, S. (1980). O inconsciente. In *Edição eletrônica brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Imago. (Trabalho original publicado em 1915)
- Freud, S. (1980). Conferência XXIII: Os caminhos da formação de sintomas. In *Edição eletrônica brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Imago. (Trabalho original publicado em 1917)

- Freud, S. (1980). História de uma neurose infantil. In *Edição eletrônica brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Imago. (Trabalho original publicado em 1918)
- Freud, S. (1980). Mais além do princípio do prazer. In *Edição eletrônica brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Imago. (Trabalho original publicado em 1920)
- Freud, S., & Freud, A. (2020). *Bate-se numa criança*. Zahar. (Trabalho original publicado em 1919)
- Fulgencio, L. (Org.). (2020). *Objetivos do tratamento psicanalítico*. Edições Concern.
- Henderson, G., Chatelard, D., & Maesso, M. (2017). Dos sonhos diurnos a uma concepção fundamental de fantasia. *Reverso*, 39(73), 51-58. <https://bit.ly/43Rjg6Y>
- Jorge, M. A. C. (2010). *Fundamentos da psicanálise de Freud a Lacan: Vol. 2. A clínica da fantasia*. Zahar.
- Lacan, J. (1985). *O seminário: Livro 3. As psicoses* (A. Meneses, Trad.; 2a ed.). Zahar. (Trabalho original publicado em 1955-1956)
- Lacan, J. (1988) *O seminário: Livro 11. Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise* (M. D. Magno, Trad.; 3a ed.). Jorge Zahar Editor. (Trabalho original publicado em 1964)
- Lacan, J. (2004). *La logique du fantasme: séminaire 1966-1967*. Éditions de l'Association Lacanienne Internationale. (Trabalho original publicado em 1966-1967)
- Lacan, J. (1998). A direção do tratamento e os princípios de seu poder. In *Escritos* (V. Ribeiro, Trad.; pp. 591-652). Jorge Zahar Editor. (Trabalho original publicado em 1958)
- Lacan, J. (2016). *O seminário: Livro 6. O desejo e sua interpretação* (C. Berliner, Trad.). Zahar. (Trabalho original publicado em 1958)
- Laplanche, J., & Pontalis, J.-B. (2000). *Vocabulário da psicanálise* (P. Tamen, Trad.). Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1967)
- Leclair, S. (2007). *Psicanalisar* (D. Checchinato e S. J. Almeida, Trans.). Perspectiva.
- Miller, J.-A. (2014). Apresentação do Seminário 6: o desejo e sua interpretação, de Jacques Lacan (V. A. Ribeiro, Trad.). *Opção Lacaniana*, 5(14), 1-19. <https://bit.ly/3OvoPDK>
- Nasio, J.-D. (2007). *A fantasia: o prazer de ler Lacan* (A. Telles e V. Ribeiro, Trans.). Zahar. (Trabalho original publicado em 2005)
- Pommier, G. (1990). *O desenlace de uma análise* (C. R. Abreu, Trad.). Jorge Zahar Editor.
- Safatle, V. (2007). *Lacan*. PubliFolha.
- Sant'Anna, A. R. (1993). *O canibalismo amoroso*. Rocco.
- Schrader, P. (Diretor). (2017). *First reformed* [Fé corrompida] [Filme]. Killer Films; Arclight Films.
- Stroud, B. (2007). *The patchwork path: a quilt map to freedom*. Candlewick Press.
- Jenkins, B. (Diretor). (2021). *The Underground Railroad* [Série]. Amazon Prime Video.
- Winnicott, D. W. (1990). *Natureza humana* (D. L. Bogomoletz, Trad.). Imago.

---

### Ricardo Biz

Endereço: Rua Hilda Del Nero Bisquolo, 102, sala 1011. Jundiaí/SP.

CEP: 13208-703

Tel.: (11) 99595-0191

E-mail: contato@psiquiatria.jundiai.com.br